

Remix Ensemble

Casa da Música

19 Jun 2018
19:30 Sala Suggia

Coro Comunitário*

Pedro Neves *direcção musical*

José Alberto Gomes (Digitópia Collective) *electrónica*

Raquel Couto *representação*

1ª PARTE

Oscar Bianchi

Orango, para ensemble e público (2017-18; c.30min)

2ª PARTE

Philip Venables

The Gender Agenda, para apresentador de concurso,
ensemble, coro falado e público (2017; c.45min)

Estreias em Portugal; encomendas da Art Mentor Foundation Lucerne.

*Participações especiais:

Balletteatro Escola Profissional

Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota

Grupo Psiquê – Grupo de Teatro do Hospital de Magalhães Lemos



Entrevista ao compositor
Oscar Bianchi.

<https://vimeo.com/275594100>



Entrevista ao compositor
Philip Venables.

<https://vimeo.com/275604491>

APOIO



ART MENTOR
FOUNDATION LUCERNE

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



CONNECT

O Público como Artista

No Outono de 2015, a Art Mentor Foundation Lucerne lançou o projecto de dimensão europeia CONNECT. Em colaboração com quatro importantes ensembles de Nova Música – London Sinfonietta, Askol|Schönberg de Amesterdão, Ensemble Modern de Frankfurt e Remix Ensemble Casa da Música –, este projecto pretende explorar a relação entre o público e o artista, seja ele o compositor ou o músico, bem como desafiar os papéis que lhes são convencionalmente atribuídos. Para cumprir este objectivo, são encomendadas novas composições e espectáculos que lidem especificamente com esta questão, tanto musicalmente como conceptualmente. O público envolve-se na criação da obra musical e na sua interpretação, o que leva a que também os papéis do compositor e dos músicos se alterem, tornando-se estes parte do próprio público. Ao longo deste processo, as obras passam por um desenvolvimento contínuo de modo que cada apresentação pode ser considerada uma estreia.

No primeiro ciclo do programa CONNECT, duas novas obras foram compostas: *In the Midst of the Sonorous Islands* de Christian Mason e *The Sonic Great Wall* de Huang Ruo, ambas apresentadas em várias cidades europeias no final de 2016. Na Casa da Música, o concerto do Remix Ensemble associado a este programa incluiu a obra de Mason e uma encomenda a Daniel Moreira, *Do Desconcerto do Mundo*, que juntava ao ensemble instrumental dois coros amadores com diferentes níveis de formação musical.

Para a segunda edição do projecto, foram encomendadas duas obras a compositores premiados – o britânico Philip Venables e o italo-suíço Oscar Bianchi – que incluem a participação do público e de amadores, através de um coro comunitário. Enquanto Philip Venables transforma o público em concorrentes de um concurso televisivo e contraria papéis tradicionais de género com a sua peça carregada de sentido político, na obra de Oscar Bianchi o público é, ele próprio, criador de sons que a integram. *The Gender Agenda* de Philip Venables foi estreado em Londres, pela London Sinfonietta, a 12 de Abril de 2018; *Orago* de Oscar Bianchi foi estreado em Frankfurt, pelo Ensemble Modern, a 22 de Abril de 2018.

Oscar Bianchi

MILÃO, 1975

A música de Bianchi é orientada por questões dramáticas e formais. A qualidade vocal, presente até nas obras puramente instrumentais, é uma das suas características mais marcantes. Os contrastes inesperados entre o virtuosismo volúvel e a estase contemplativa são a força motriz do seu instinto para o gesto dramático. A sua música é marcada por uma violência rejubilante, mas pode subitamente repousar numa oração, como se atingida por um raio de luz do meio-dia.

A sua primeira ópera, *Thanks to My Eyes*, encomendada pelo Festival d'Aix-en-Provence com libreto e encenação de Joel Pommerat, recebeu a aclamação da crítica e do público. Tem sido interpretado por formações prestigiadas tais como Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, Filarmónica da Radio France, Sinfónica Alemã, Ensemble Modern, Klangforum, Ictus, Les Percussions de Strasbourg, ICE, Remix Ensemble, Ensemble Contrechamps, JACK ou Diotima. Novas obras de Bianchi estão actualmente programadas por agrupamentos como Sinfónica da Rádio da Baviera, Orchestra della Svizzera Italiana, Ensemble Modern, London Sinfonietta, AskolSchönberg, Remix Ensemble, JACK e Collegium Novum Zürich. Entre os prémios conquistados destaca-se o 1º Prémio no Gaudeamus, o Grand Prix SACEM, o Prémio do International Rostrum of Composers e o Prémio da Crítica Discográfica Alemã.

Depois de estudar no Conservatório de Milão, Bianchi prosseguiu a sua formação no IRCAM (Paris) e na Universidade de Columbia (Nova Iorque). Foi artista residente do DAAD Künstlerprogramm Berlin e dos programas Pro-Helvetia de Varsóvia e Joanesburgo.

Philip Venables

CHESTER, 1979

A música de Philip Venables tem frequentemente como tema a violência e a política e faz uso do texto falado em contexto da música de concerto e da ópera. A sua obra tem sido descrita como “brutalmente eficiente” (*Times*) e “divertida e ocasionalmente perturbadora” (*Guardian*). Interpretado e gravado internacionalmente, recebe encomendas de instituições como Royal Opera House, Filarmónica e Sinfónica da BBC, Sinfónica de Londres, Wigmore Hall, London Contemporary Opera, Endymion & EXAUDI, Ensemble 10-10, Rambert Dance Company, Teatro HAU de Berlim, Festival de Verão Kampnagel em Hamburgo e Teatro da Basileia. Em 2016, estreou-se na Royal Opera com *4.48 Psychosis*, uma colaboração com o encenador Ted Huffman e a primeira adaptação autorizada de textos de Sarah Kane, que ganhou um UK Theatre Award (Achievement in Opera). Colaborou com o vencedor do Prémio Turner, Douglas Gordon, e a cantora Ruth Rosenfeld em *Bound to Hurt*. O seu primeiro disco de música de câmara com palavras é lançado pela editora NMC em 2018.

Philip Venables estudou na Royal Academy of Music em Londres, com Philip Cashian e David Sawer, onde foi premiado com o diploma DipRAM e o Manson Fellowship em Composição; e na Universidade de Cambridge. Recebeu uma bolsa do Arts and Humanities Research Council para um doutoramento sobre discurso, violência e música na Royal Academy of Music (2012-13), e foi *Soundhub Associate* da Sinfónica de Londres (2012-13). De 2013 a 2016, no âmbito do seu doutoramento, foi residente na Royal Opera House e na Guildhall School of Music & Drama.

Sete perguntas a Philip Venables e Oscar Bianchi

“O público como artista” é o mote deste projecto, que esbate as fronteiras entre artista e ouvinte. O que significa isto no que respeita ao papel do compositor? Que elementos do projecto vos interessaram e como abordaram esta encomenda?

Venables: A minha abordagem foi pensar na ideia de “o público como sujeito” em vez de “artista”. Há muito que sou fã de teatro colaborativo que interage com o público, fazendo dos seus membros personagens do enredo. Também me interessa bastante pela música e o teatro politicamente comprometidos, pelo que, nesta peça, junto os elementos das duas áreas. Quero saber o que o público pensa sobre a questão do género na sociedade de hoje, brincar com isso, envolver as pessoas e fazer uma peça interactiva a partir desse tema.

Bianchi: Trabalhei recentemente, entre outros projectos, em teatro musical que incluía também intérpretes não profissionais (bailarinos e actores). Neste caso foi-me exposta a necessidade de incluir ‘não profissionais’ para produzir som e conteúdo musical que teria de ser simultaneamente valioso (de acordo com os meus próprios padrões enquanto compositor contemporâneo) e dramaturgicamente digno. Assim, o projecto CONNECT surgiu exactamente no momento em que eu queria continuar a explorar e a redefinir o meu papel enquanto compositor (...).

Além de serem vários ensembles a interpretar estas peças, o principal foco é a comunicação e a interacção com o público. De que forma o público é envolvido na acção musical?

V: *The Gender Agenda* é basicamente um concurso televisivo ou *talk show*. Por isso vamos convidar pessoas do público para participar nas actividades, questionários ou entrevistas no palco. Podemos ainda ter momentos de *voxpath* com o público nos seus lugares. Também incluí um coro comunitário de voluntários, que vai desempenhar um papel muito especial para chegar ao público e incentivá-lo a participar.

B: Para evitar que o público tenha uma função meramente ornamental, decidi fazer da plateia o elemento central da performance. Tanto o conteúdo como a estrutura musical são, por vezes, da responsabilidade do público. A estrutura dos intérpretes é, assim, formada pelos músicos e pela plateia, e ambos se articulam em diferentes momentos da peça. Resulta que estas duas instâncias (músicos e público) vão partilhar o mesmo universo, tanto através da capacidade de ‘desencadear’ material musical como articulando-o, por si só ou em conjunto.

Como preparam o público?

V: Antes do concerto realizam-se *workshops* com o coro comunitário para ensaiar a parte musical. Para além disso vamos fazer ensaios para alguns membros de forma a recrutar voluntários do público para as várias actividades do concurso. Há também um 'aquecimento' com o apresentador, uma espécie de preparação do ambiente para um concurso televisivo de estúdio.

B: Com os *workshops* antes do concerto, o público vai aprender e ensaiar algumas formas de fazer música com o ensemble: desde usar a voz (não apenas no sentido vocal) a tocar com objectos do quotidiano ou brincar com cabeças de flauta. Além de praticar e preparar a peça, vamos poder partilhar com o público que fazer música, de facto, é muito mais do que manipular alturas e dinâmicas. É um acto performativo, uma dimensão da vida que ocasionalmente se move da experiência táctil para dimensões 'interiores', envolvendo força, enraizamento, bem como humor ou leveza.

De que forma o público pode influenciar a peça [antes e durante a performance]? Qual é o rácio entre os elementos pré-determinados e aqueles que o público pode influenciar?

V: Isso funciona também como num concurso televisivo, ou seja, a 'grelha' da peça/concurso já está pré-determinada mas o conteúdo – o que é discutido, as opiniões que emergem, etc. – vem maioritariamente do público. O material musical é relativamente fixo, durante o concurso, mas utilizamos vídeos em tempo real que mostram o público que está na sala – de novo, como num concurso televisivo.

B: Estou a trabalhar com um modelo formal e composicional que tem como objectivo envolver e celebrar todos os protagonistas: público e ensemble. Numa performance quase contínua, o ensemble faz parte do público ao executar algo que este solicita, enquanto se emancipa pontualmente para um momento mais instrumental e/ou uma parte individual. Desta forma, o material sonoro, que surge frequentemente do que o público faz, e o mecanismo formal será organicamente entrelaçado com o jogo instrumental e o desempenho do ensemble.

Como lidam com o desconhecido – a imprevisibilidade do público – na composição?

V: Julgo que o desconhecido é a parte mais estimulante. Nunca sabemos como é que um elemento específico do público vai reagir a uma determinada questão ou tarefa: às vezes a reacção pode não ser assim tão interessante, às vezes pode ser bem-humorada ou surpreendente. A parte interessante é que é algo vivo, desconhecido, e toda a gente que vê sabe isso. E realmente aumenta a tensão e a expectativa no público durante a interpretação da peça, o que é muito interessante de ver.

B: A imprevisibilidade e a definição padrão de uma partitura musical formam uma espécie de antítese. Estou portanto a trabalhar num sistema de notação que tem isso em consideração. Algumas partes estão escritas como se se tratasse de um argumento para uma peça teatral, por exemplo.

As vossas peças são apresentadas sucessivamente em quatro cidades europeias. Imaginam que a diversidade de contextos culturais e relações com a música leve os públicos a agir e reagir de formas diferentes?

V: Sim, espero que sim, até certo ponto. Julgo que depende das questões ou tarefas que colocamos ao público. Depende também do apresentador de cada actuação, já que o seu estilo vai definir o tom da apresentação.

B: Absolutamente. Julgo que o que num país pode ser considerado hilariante, noutro pode ser percepcionado como hediondo, e vice-versa. Mas essa é a parte interessante, certo?

As expectativas que têm para estes concertos diferem das que teriam para um concerto tradicional?

V: Não, as minhas expectativas são similares àquelas que teria numa obra convencional. Sempre procurei que o meu trabalho fosse envolvente, emocionante e cheio de *suspense* – sejam obras interactivas ou não. De alguma forma, qualquer música deveria envolver o público, senão como comunica? O meu objectivo é que o público se sinta sempre envolvido no enredo da peça.

B: Sem dúvida que conto experienciar algo no domínio do imprevisto, mas principalmente na esfera das energias e interacções. Uma experiência intensa, sim, mas também deliberadamente caótica, alegre (se possível) e, espero, muito animada.

Pedro Neves *direcção musical*

Pedro Neves é Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e assumiu recentemente o cargo de Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. É doutorando na Universidade de Évora, tendo como objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos.

Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Filarmonia das Beiras, a Orquestra da Cidade de Joensuu (Finlândia) e a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre (Brasil). Em 2012 colaborou pela primeira vez com a Companhia Nacional de Bailado, dirigindo *A Bela Adormecida* de Tchaikovski.

No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble – com o qual estreou obras de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões na Coreia do Sul e no Japão –, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble. É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas e que tem sido recebido de forma elogiosa pelo público e pela crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, estudando violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à direcção de orquestra estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo a licenciatura

na Academia Nacional Superior de Orquestra. Estudou ainda com Emilio Pomàrico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

Raquel Couto *representação*

Raquel Couto nasceu no Porto, em 1988, e desde cedo que os seus estudos musicais se relacionaram com as áreas de canto e coro. Acabou por se licenciar em Direcção Coral, com o maestro Paulo Lourenço, na Escola Superior de Música de Lisboa. Ainda antes, licenciou-se em Educação Musical na Escola Superior de Educação do Porto. Cantou em vários coros, destacando-se o Ensemble Vocal Pro Música (maestro José Manuel Pinheiro) e o Coro de Câmara da Escola Superior de Música de Lisboa (maestro Paulo Lourenço).

Com o objectivo de aprofundar os conhecimentos na área da direcção de coros infantis e juvenis, participou em cursos nas cidades de Évora, Lisboa, Aveiro, Londres e Barcelona, onde trabalhou com os maestros Stephen Coker, Eugene Rogers, Paul Caldwell e Brett Scott (EUA); Werner Pfaff (Alemanha); Paul McCreesh, Greg Beardsell e Rachel Joy Staunton (Inglaterra); Elisenda Carrasco, Esteve Nabona e Basilio Astulez Duque (Espanha); e Maria Guinand (Venezuela).

Em 2012 participou no curso “Write an Opera” na Royal Opera House, em Londres. No ano lectivo de 2014/15 realizou o X Curso de Animadores Musicais da Casa da Música, onde trabalhou com Tim Steiner, Sam Mason, Paul Griffiths e Pete Letanka.

Desde 2012, dirige anualmente o Coro Mini do Festival Vocalizze em Almada. Tem vindo a leccionar as disciplinas de Coro Infantil e Juvenil em academias e conservatórios portugueses, entre os quais se destacam a Fundação Musical dos Amigos das Crianças (FMAC Lisboa), o Conservatório Regional de Vila Real e a Academia de Música de Espinho. Foi responsável pela direcção musical do projecto

de teatro “Em Cena”, dirigido pelo encenador Pedro Lamares. Desenvolveu também um projecto artístico no Estabelecimento Prisional de Vila Real, com um grupo de 15 reclusos, que trabalhou sobre música, teatro e movimento e deu origem ao espectáculo *Homem Capaz*, apresentado no Teatro Municipal de Vila Real.

É um dos elementos fundadores do grupo vocal a *cappella* PopUp – Vozes Portáteis e foi fundadora e maestrina do SHINE – Coro Gospel em Lisboa. É fundadora e directora musical do Coro Lira (Infantil, Juvenil e Adultos), com sede na Casa das Artes do Porto. É a maestrina titular do Coro Infantil Casa da Música.

Digitópia Collective

Singular no panorama nacional, o Digitópia Collective é a plataforma artística da Casa da Música reservada à criação musical em suporte tecnológico. No seu trabalho, o ensemble desenvolve ferramentas musicais aplicando processos e modelos tão diversos quanto o design de instrumentos digitais, a concepção de hardware próprio, o *circuit-bending*, a exploração das relações entre imagem e som, a prática de VJaying e DJaying, a *digital media* ou os sistemas digitais interactivos. Realiza frequentemente formação especializada na área das ferramentas digitais. Dedicar-se também à criação e disponibilização de *software* de exploração musical. Colabora regularmente com os agrupamentos residentes da Casa da Música, assumindo a realização da componente electrónica em tempo real na interpretação de repertório dos séculos XX e XXI.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de noventa obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts e Pedro Neves, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, o concertino para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin, *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis (uma encomenda da ECHO), *Da capo* de Peter Eötvös e a ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei, apresentada no Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão. Fez a estreia mundial da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi, interpretada no Porto e em Estrasburgo, e apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender – ambos com encenação de Nuno Carinhas.

Em 2016 juntou-se à banda de rock Mão Morta para um programa com arranjos originais de Telmo Marques sobre o repertório do colectivo bracarense. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Em 2017 fez as estreias em Portugal de *Theseus Game* de Harrison Birtwistle e *Stabat Mater Dolorosa* de James Dillon, apresentando ainda o Concerto para violino de Ligeti com Ilya Gringolts.

Na temporada de 2018, o Remix Ensemble apresenta uma retrospectiva da obra de Georg Friedrich Haas que se inicia com *in vain* e inclui a estreia mundial de uma nova encomenda. Interpreta Anton Webern ao lado da soprano Christina Daletskia, Thomas Larcher com o barítono Benjamin Appl e música de Wolfgang Mitterer para um clássico do cinema expressionista: *O Gabinete do Doutor Caligari* de Robert Wiene, encomenda em parceria com a Philharmonie do Luxemburgo. Regressa à Elbphilharmonie de Hamburgo, ao de Singel de Antuérpia e à Philharmonie de Colónia, apresentando-se nesta última ao lado do pianista Andreas Staier.

O Remix tem quinze discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Remix Ensemble

Violino

Angel Gimeno

José Pereira

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Victor Pereira

Saxofone

Romeu Costa

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Ales Klancar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira

Manuel Campos

Piano/Sintetizador

Jonathan Ayerst

Balleteatro

Escola Profissional*

Ana Carolina Granja

Ana Isabel Costa

Ana Sofia Santos

André Vigário

António Miguel Teixeira

Carlos Silva

Catarina Pinto

Daniela Cula

Débora Barreto

Filipa Catarino

Margarida Queirós

Maria Beatriz Lopes

Maria Margarida Rocha

Mariana Lamego

Marta Panelas

Marta Teixeira

Matilde Gandra

Matilde Maciel

Matilde Maia

Miguel Batista

Rafael Magalhães

Renata Couto

Ricardo Mascarenhas

Rita Faria

Sofia Marques

Sofia Silva

Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota**

Adão Magalhães

Adelaide Costa

António Oliveira

Branca Matos

Carlos Lobo

Edgar Ferreira

Elisa Fonseca

Elvira Magalhães

Fátima Araújo

Fátima Barbosa

Filomena Ribeiro

Graça Neiva

Isabel Pereira

Jorge Queijo

Judite Adrião

Lurdes Tomás

Manuel Ferreira

Manuel Porfírio Lapa

Manuel Sousa

Manuela Ramos

Margarida Pinto

Maria Arminda Ferreira

Maria Carmo Sousa

Maria Celeste Araújo

Maria Conceição Sant'Ovaia

Maria do Carmo

Maria do Céu Cruz

Maria José Machado

Maria José Oliveira

Maria Luisa Rafael

Maria Madalena Lemos

Maria Manuela Magalhães

Nelma Gilvaia

Odete Boaventura

Olinda Figueiredo

Orlando Velho

Raúl Azevedo

Rui Rodrigues

Serafim Heitor

Teresa Guerra

Teresa Monteiro

Tiago Oliveira

Vitor Carneiro

Grupo Psiquê – Grupo de Teatro do Hospital de Magalhães Lemos**

Albertina Gonçalves

Arminda Teixeira

Carla Cunha

Carlos Ferreira

Carlos Ramos

Fernanda Queiroz

João Ferreira

João Pereira

José João Silva

José Vítorino

Lúcia Pimentel

Luís Umbelina

Maria Manada

Paulo Varela

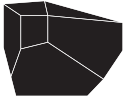
Rui Fortuna

Sónia Lopes

Vítor Ferreira

**The Gender Agenda*

***Orango*



casa da música

PATROCÍNIO VERÃO
NA CASA SUPER BOCK



MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

